



Rede Mãos à Horta: movimentação e fortalecimento da agricultura familiar em transição agroecológica

Heder Schuab Ferreira¹; Felipe Dantas Barbosa²; Victor Pires Carvalho Campos³; Luís Vinícius Pinto Gouveia⁴; Ivan Araújo Soares⁵; Carlos Miranda Carvalho⁶.

¹ Graduando em BSc. Agroecologia, IFSudesteMG – Campus Rio Pomba. Email: ferreirarefeito@gmail.com; ² Email: felipedbdantas@gmail.com; ³ Email: chico_bso@hotmail.com; ⁴ Email: luvigouveia@yahoo.com.br; ⁵ Email: ivan.agroecologia@gmail.com; ⁶ Docente Orientador, IFSudesteMG – Campus Rio Pomba. Email: carlos.miranda@ifsudestemg.edu.br.

Resumo: A Rede Mãos à Horta de Prossumidores surge pela iniciativa de estudantes do curso superior formal de Bacharel em Agroecologia em parceria com produtores rurais e consumidores cidadãos do município de Rio Pomba, MG, e adjacências. Através de uma breve observação das atividades de extensão prestada pelas instituições públicas no Brasil, podemos notar como esta Rede visa atender a necessidade de se implantar projetos que fortaleçam a geração de autonomia nos processos produtivos, em convergência com a construção de cadeias associativas de comercialização e formas alternativas de certificação de qualidade e procedência; para que possamos incentivar e difundir ferramentas e princípios presentes na Economia Solidária, assim como em toda amplitude prática, científica e de mobilização da Agroecologia. Logo, a Rede Mãos à Horta de Prossumidores conseguiu abordar de forma dinâmica tais princípios, graças às ferramentas que articulam o escoamento dos produtos; estes, oferecidos a um novo consumidor, que se faz presente na transição tecnológica das propriedades, tornando-se um ser ativo na qualificação e valorização dos produtos e na mão de obra no campo.

Palavras-chave: Rede de Prossumidores, Economia Solidária, Agroecologia.

1. Introdução

As relações mercadológicas vigentes obscurecem os diálogos entre produtor e consumidor, desconsiderando o valor cultural, social e ambiental que existe entre esses dois atores sociais (SINGER, 2002). A pressão do modelo agroquímico dominante atinge toda cadeia agroalimentar. Incidindo principalmente sobre a agricultura familiar, que é responsável por 70% do alimento que vai para a mesa



do consumidor brasileiro. Tal modelo cria relações de dependências tecnológicas e mercadológicas, favorecendo o surgimento do monopólio e oligopólio, tanto dos insumos agrícolas como dos próprios alimentos. Esses processos trazem consigo a vulnerabilidade a qual estamos sujeitos dentro de um sistema capitalista, onde as grandes corporações multinacionais dominam toda a cadeia, da produção ao consumo, extinguindo a soberania alimentar e a relação de confiança presente nas feiras da agricultura local.

A situação agrícola explicitada no parágrafo anterior não difere da realidade encontrada em Rio Pomba, na região da Zona da Mata de Minas Gerais, onde a principal atividade é a pecuária leiteira, marcada por melhoramento genético intensivo, fruto de projetos do próprio Município há mais de 25 anos. Por tal motivo, a região recebe o apelido de “bacia leiteira”, devido à predominância da atividade. A região, porém, também é marcada por outras características relevantes, pois sua formação geológica é dominada pelos “mares de morro florestados” (AB’SABER, 1970), com predominância de solos profundos. Tais características criam um conflito socioambiental e agrário, devido à intensificação do uso das pastagens e a retirada da cobertura natural das vegetações nos topos de morro, em contraponto a falta de aptidão natural para o desenvolvimento deste tipo de atividade. A presença de inúmeras pequenas propriedades familiares, onde existe uma forte resistência em se aplicar a legislação ambiental, agrava ainda mais este conflito, temendo o risco socioeconômico e cultural que pode causar na região.

A busca pela soberania agroalimentar é pautada como um dos grandes desafios da nossa atualidade, junto às questões socioeconômicas e ambientais. Para o alcance da sustentabilidade em todas as suas dimensões, devemos estar atentos às diferentes as concepções existentes. Sendo importante destacar, que não basta apenas adotarmos sistemas mais racionais de produção, mas também, deve-se atender a demais anseios sociais, frisados como grandes utopias modernas: a justiça social, a liberdade ou mesmo a democracia (EHLERS, 1999).

Tendo em vista os desafios para o desenvolvimento rural sustentável e o acesso a alimentos da agricultura familiar local e livre de agrotóxicos, foram surgindo diversas ações coletivas, onde se desenvolveram as redes de prosumidores, inclusive, e principalmente em grandes centros urbanos



como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo; e baseando-se nos princípios da Economia Solidária e nas perspectivas da transição agroecológica, surgem também na Região da Zona da Mata de Minas Gerais. Em destaque, a Rede Agroecológica de Prossumidores Raízes da Mata (Viçosa – MG) e a Rede Mãos à Horta de Prossumidores da Agricultura Familiar em Transição Agroecológica (Rio Pomba – MG).

A atuação das redes na construção da Economia Solidária promove um processo educativo em relação ao termo prossumidores, que sugere por si, um consumidor consciente e integral, interessado e ativo na promoção da autogestão da rede junto aos produtores. Sendo assim, a mudança de consumidores para prossumidores, não somente tem importância para um novo modelo de mercado, justo, consciente e responsável, mas também ao incentivo à produção agroecológica e à transparência e confiança da venda direta.

Compreendendo os processos da transição agroecológica, nas dimensões econômicas, sociais e ambientais, devemos ter em vista a importância da ação coletiva no fortalecimento das bases para a transformação positiva através destas relações. Para isso, as redes que buscam promoção da transição agroecológica devem se ater a multidimensionalidade do processo de mudança, tendo processos de ecologização e ação coletiva como os motores para o início desta transformação (COSTABEBER, 1998).

As redes de prossumidores não podem ser contempladas em sua multidimensionalidade e complexidade, pois suas origens vêm de outras redes e grupos submersos em relações mais profundas, diferindo de outros atores coletivos organizados.

Essa observação é muito bem explanada por Melucci (2001 apud SCHMITT; TYGEL, 2009, p. 106):

As formas organizativas assumidas pela Agroecologia e pela Economia Solidária – movimentos estes que descrevem a si próprios, frequentemente, não como movimentos sociais, mas sim, como redes de redes, espaços de articulação e diálogo, articulações de movimentos sociais e organizações – refletem seu caráter heterogêneo e mutável. Essas identidades mobilizam um amplo grupo de unidades diversificadas e autônomas – pessoas, redes e organizações – cuja solidariedade interna resulta de um permanente trabalho de construção e reconstrução.

E ainda, Schmitt e Tygel (2009, p.106) acrescentam:



Desnecessário dizer que a presença dos mediadores (indivíduos ou organizações), capazes de promover a interligação entre mundos diferenciados em uma mesma visão de mundo, figura como um elemento fundamental no processo de construção dessas identidades.

2. Histórico

Frente ao contexto observado, surge, em 2014, o projeto “Rede Mãos à Horta”, através da iniciativa de alguns estudantes do curso de Bacharel em Agroecologia do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IFSudesteMG) – Campus Rio Pomba, que sentiam a carência em meios de comercialização justa de alimentos de procedência ecológica no município, apesar de ser um município majoritariamente rural e ser de conhecimento de alguns moradores e estudantes a existência de produtores rurais locais caminhando por estas vias. Após um trabalho de levantamento, cadastro e articulação de consumidores e produtores locais interessados em estabelecer relações com base na confiança, comércio justo e alimentação saudável e natural, foi dado início às nossas atividades como Rede Mãos à Horta de Prossumidores.

Neste ano, a Rede, em início de estruturação, foi contemplada como Projeto de Extensão, por meio de edital da Diretoria de Extensão do Campus Rio Pomba – DIREXT, contando com recursos financeiros para remuneração de 1 (um) bolsista por 8 meses (ano letivo), e apoio da instituição em transporte. Além disto, diversos estudantes se dispuseram prontamente como voluntários nas atividades do projeto, ajudando na recepção, montagem e entrega dos pedidos, aos sábados, visitas às propriedades dos produtores ligados à Rede, no intuito de acompanhar e dar apoio a estes produtores na caminhada da transição agroecológica, divulgação da Rede junto a produtores e consumidores, através de diversos meios.

Logo, o interesse pelos produtos agroecológicos fez com que passássemos a trazer excedentes para atender o grande número de frequentadores da feira. As relações de confiança e integração entre agricultores e consumidores foram sendo conquistadas através de encontros temáticos para a construção desta transição, não apenas na produção dos alimentos, mas também na forma de interagir com meio onde vivemos.



Concomitantemente, no mesmo ano articulou-se na área rural do entorno do Campus, onde residem diversos estudantes do curso de Agroecologia, o Coletivo de Ações Agroecológicas de Rio Pomba, um movimento de fomento a atividades agroecológicas nas propriedades rurais do local, com mutirões semanais realizados nos fins de semana, no princípio, aos sábados, iniciado com um almoço após a Feira; e posteriormente, realizado aos domingos pela manhã, encerrando-se com um almoço após as atividades.

Este Coletivo contribui de maneira providencial aos objetivos da Rede, integrando-se como movimento que aos poucos também se aproxima e trava um contato mais íntimo com produtores da comunidade rural do entorno através de mutirões realizados em suas propriedades, tornando-os mais receptíveis e críticos quanto às propostas e princípios da Agroecologia, assim como a Rede.

No ano de 2015 as atividades continuaram; muitos novos produtores tomaram conhecimento e aderiram ao projeto; e, novamente, fomos contemplados como Projeto de Extensão, pela DIREXT, em aprimoramento, contando com remuneração de 1 (um) bolsista, apoio de transporte da instituição, e auxílio de diversos voluntários (por volta de 12 estudantes) para o desenvolvimento das atividades. Este ano também o Coletivo de Ações Agroecológicas atuou assiduamente, com a realização dos mutirões, regularmente, todo domingo, inclusive visitando muitas propriedades de agricultores recém integrados a Rede, injetando ânimo e disposição para enfrentar os desafios da transição agroecológica e a construção deste conhecimento.

As atividades realizadas pela Rede Mãos à Horta ao longo deste ano, como encontros, reuniões temáticas e repasses de atividades externas foram formas de expansão dos horizontes e do futuro desta Rede. São momentos de reflexão e planejamento participativo quanto ao andamento dos processos, debates e levantamento de temas que trazem o empoderamento, a autonomia e o protagonismo dos envolvidos neste processo. Temos como exemplo o conhecimento gerado pelo contato com o projeto “Plantadores de Água”, do município de Alegre, ES, que estimulou a introdução, durante os mutirões, de técnicas conservacionistas para proteção e recuperação de mananciais e do solo nas propriedades. Além do contato com outras e redes de prossumidores, que nos ajudou a trazer para nossas temáticas a necessidade de certificação e auto gestão.



Em 2016, aprovada em edital para projetos de extensão do PROEXT (MEC), a Rede Mãos à Horta é contemplada a receber recursos financeiros para o desenvolvimento do projeto, por um período de 12 meses, tais como remuneração para 5 (cinco) bolsistas, recursos para transporte de agricultores, compra de equipamentos (balança, freezer, computadores, material de escritório, etc.). Neste projeto aprovado são previstas, em cronograma previamente estabelecido, atividades transdisciplinares com os integrantes da Rede, agricultores, consumidores e parceiros, como visitas a propriedades agroecológicas e em transição, participação em eventos de fomento a Agroecologia, e oficinas de formação, nivelamento e empoderamento destes atores. Porém, o cronograma inicial não pôde ser atendido devido à grande defasagem de tempo entre a previsão de recebimento dos recursos destinados à realização das atividades do projeto, e a efetiva liberação para utilização dos mesmos. A remuneração dos bolsistas começou a vigorar quando já se havia transcorrido metade do prazo para a execução do projeto (junho, 2016), ou seja, seis meses após o início das atividades do ano; e a verba para aquisição de equipamentos, materiais, e prestação de serviços, até agora (agosto, 2016) ainda não foi concretamente investida ou aplicada para atender as necessidades do projeto.

Mesmo com todas estas dificuldades e apesar delas, as atividades rotineiras da Rede, como as feiras semanais com o envio das listas de produtos e recebimento, montagem e entrega de pedidos, e os encontros temáticos com produtores, consumidores e parceiros, foram sendo conduzidas por bolsistas e voluntários nesta primeira fase do ano. Apesar da burocracia e morosidade para se consumir a utilização do recurso deste edital no qual fomos contemplados, outros benefícios provenientes deste reconhecimento têm sido as parcerias, firmadas entre o projeto Rede Mãos à Horta e entidades como Universidade Federal de Viçosa – UFV, MG (Rede Raízes da Mata), Banco de Alimentos de Ubá, MG, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, EMATER Regional, e Prefeitura Municipal de Rio Pomba, MG; para submissão ao edital do PROEXT.

Vislumbrando a consolidação das parcerias previstas para a realização das atividades, reivindicamos junto a Prefeitura Municipal de Rio Pomba, um local, em área urbana para a realização de nossa Feira Mãos à Horta, e demais atividades da Rede. Então, desde maio de 2016, a Rede Mãos à Horta conta com uma sede no Parque de Exposições do Município, com amplo espaço coberto para



circulação de pessoas e exposição de produtos, onde é realizada semanalmente (quartas feiras, das 17 às 21h) uma Feira com produtos diferenciados, e em Transição Agroecológica. Neste espaço é realizada além da venda direta por integrantes da Rede, também a venda direta pelo próprio produtor, que comparece e monta sua bancada, enriquecendo ainda mais este momento de interação com o público. A entrega de pedidos veiculados por email também é realizada durante esta Feira; o consumidor comparece para retirar seu pedido, e pode acrescentar em sua “cesta” mais algum item que desejar; frutas e verduras frescas, direto da roça!

Ao inserirmos a Rede num espaço urbano, onde temos uma interface de comunicação direta entre produtores e consumidores, alcança-se mais uma importante conquista para esta articulação, em prol da construção da autogestão e autonomia dos integrantes desta Rede, pois nossa prospecção para o futuro é que nos próximos anos a gestão possa e deva ser protagonizada pelos próprios prosumidores, tanto consumidores quanto produtores.

3. Desenvolvimento e reflexões

A proposta da Rede é atuar na articulação direta entre produtores agrícolas e consumidores interessados em produtos oriundos da agricultura familiar de base ou em transição agroecológicas e da Economia Solidária, criando um canal de comércio justo, baseado em relações mais profundas entre estes elos da cadeia, com confiança, amizade e consciência holística de seu papel. A realização de trabalhos de base na formação e nivelamento de agricultores e consumidores quanto aos princípios ideológicos, filosóficos e práticos da Agroecologia, empoderando-os quanto as suas formas de atuação, intervenção e direcionamentos aos objetivos desta cadeia de produção e consumo é o rumo norteador desta proposta.

Através de práticas como encontros temáticos periódicos, com rodas de conversa, trocas de sementes e de saberes, e mesa de partilha de alimentos, são trabalhados os processos de auto gestão de prosumidores em rede. Assim também se realizou o levantamento de informações sobre as demandas e necessidades dos agricultores, principalmente acerca de conhecimentos construídos sobre as bases e



princípios da Agroecologia; e com este diagnóstico se pode estabelecer as metas e propostas para enriquecer a construção de conhecimento junto aos prossumidores e a formação desta Rede.

Os mutirões agroecológicos e intercâmbios de conhecimentos envolvendo prossumidores, produtores, consumidores, estudantes e parceiros colaboradores (Coletivo de Ações Agroecológicas), têm se mostrado uma ferramenta educativa multidisciplinar, colaborativa, horizontal e holística para a educação em Agroecologia; bem como a interação e intercâmbio de conhecimentos com outras Redes de distribuição e comercialização (Raízes da Mata, Viçosa, MG; Banco de Alimentos, Ubá, MG).

Conforme definido pelo projeto aprovado junto ao PROEXT, também estão incluídas nas atividades deste ano a realização de oficinas temáticas nas comunidades rurais envolvidas com esta iniciativa (Bom Jardim, Monte Alegre, Coelhos, Vogados e Tejuco), sendo 3 módulos por comunidade. Estas oficinas serão ministradas sob a forma de “Mutirão de Saberes”, e são um grande foco da educação em Agroecologia neste projeto. Os temas norteadores de cada módulo serão: 1º módulo – Microorganismos do solo, e Compostagem; 2º módulo – Teoria da Trofobiose, e Produção de caldas para controle de pragas e doenças; 3º módulo – Boas práticas na produção de alimentos, e Associativismo e Cooperativismo. Estas temáticas foram escolhidas pelos próprios comunitários, em diagnóstico realizado em formato de entrevistas semi-estruturadas, durante visitas de acompanhamento em suas propriedades ao longo o decorrer das atividades do projeto. Conforme demanda dos principais beneficiados as oficinas acontecerão aos domingos, durante todo o dia; sendo desenvolvida em momentos de prática e momentos de teoria, além do espaço aberto para levantamento de questionamentos, relato de experiências e exposição de dúvidas. Ao final de cada atividade será realizada uma avaliação da mesma, a fim de identificar pontos positivos e necessidades de melhorias para os próximos módulos.

E em consonância com o “Mutirão de Saberes”, outra frente de atuação na educação em Agroecologia serão as atividades desenvolvidas junto à comunidade urbana de Rio Pomba, sob a forma de “Festival de Curtas e Consumo Consciente” da Rede Mãos à Horta. Com a exibição de filmes sobre a temática alimentar e de conscientização como “O Veneno Está na Mesa I e II”, “Muito Além do Peso”, “A História das Coisas”, “Criança, A Alma do Negócio”, “Food Inc. (Comida S.A.)”, “Ilha das



Flores”, etc., intermediado com debates e reflexões entre os participantes e professores convidados para estimular e enriquecer tais reflexões; trazendo temas como Consumo Consciente, Economia Solidária, Pegada Ecológica, Cooperativismo e a importância da participação do consumidor e o fortalecimento da economia a nível local. Estas atividades serão realizadas em 3 módulos, às noites de quarta-feira, conjuntamente com a feira semanal, a fim de atingir os já frequentadores de nossa feira, além da divulgação do evento para atrair todo o público em geral.

O território de abrangência e atuação deste projeto compreende primeiramente cinco diferentes comunidades rurais, com níveis de organização e potencialidades bem distintas. Mas, no geral, todas estão em áreas rurais do município de Rio Pomba onde a Agricultura Familiar ainda resiste. Regiões com comunidades camponesas carentes de assistência técnica voltada para o empoderamento da Agricultura Familiar e de base agroecológica, sujeitas às pressões da “assistência técnica privada” e a ilusão das “maravilhas” propagandeadas pelas empresas fornecedoras de insumos do agronegócio.

A zona urbana também se enquadra como território de abrangência do projeto, pois é a principal zona de contato entre produtores e consumidores interessados em produtos ecológica, social e economicamente amigáveis, além de ser um espaço estratégico para a divulgação das ações do projeto e sensibilização de novos atores para participar deste processo.

As experiências desta iniciativa têm sido registradas de inúmeras formas, sejam através de fotografias e vídeos das atividades realizadas, de atas de registro dos encontros, das planilhas de pedidos e entregas que geram uma grande quantidade de dados de extrema relevância para a Rede, e até mesmo o registro virtual através das vias eletrônicas de comunicação, como emails trocados com prossumidores, e as atividades realizadas divulgadas em rede social virtual, como o Facebook.

Muitos trabalhos acadêmicos de extensão e pesquisa têm sido desenvolvidos em parceria entre professores e estudantes do Campus Rio Pomba com os produtores da Mãos à Horta, e alguns já foram publicados. Esta parceria auxilia a Rede no trabalho de assistir o produtor rural com possibilidades e técnicas alternativas que facilitem sua transição agroecológica.

A ação extensionista da Rede tem sido uma via de ligação entre as comunidades rurais do entorno e a comunidade acadêmica; o diálogo direto entre estudantes e agricultores, com visitas



periódicas às propriedades, é a forma mais eficiente de comunicação com a maior parte dos principais atores envolvidos, e cria uma forma de dialogar que busca trazer o conhecimento da teoria para as práticas, e trazer a vivência da prática para o cotidiano do Instituto.

O processo de auto afirmação, auto valorização e de se reconhecerem enquanto produtores agrícolas com filosofias e práticas diferenciadas em seus produtos, com base ou em transição agroecológica, vem reforçar a auto valorização e auto afirmação de seus aspectos mais distintos, como sua cultura, que embasa o pensamento, a opinião, a fala de cada participante, valorizando sua forma de expressão e contribuição de acordo com sua formação (FREIRE, 1996). O encontro com outros agricultores, do mesmo município, porém de comunidades distintas, traz à tona muitos aspectos de conhecimentos diversos sendo resgatados, revividos e transmitidos pelos mesmos. Até mesmo a sugestão para que as pessoas tragam alimentos para compartilhar é uma forma de valorizar especificidades culturais adormecidas.

O surgimento da Rede Mãos à Horta abriu um leque de possibilidades tanto para produtores quanto para consumidores locais. Os produtores desenvolvem e (re)afirmam seu empoderamento frente ao paradigma da agricultura convencional e a transição agroecológica, onde passam a dispor de um mercado mais direcionado para venda direta de seus produtos, com valorização mais justa, eliminando “atravessadores”; construindo também métodos de autogestão para o funcionamento da Rede (ALTIERI, 2012). Enquanto isso, consumidores com tendência a uma maior consciência quanto aos padrões exploratórios de produção e consumo convencionais, na busca por produtos locais de qualidade, em vistas de um manejo com responsabilidade ambiental e social, e enfatizando um modelo econômico igualitário; se vêem ao alcance de fortalecer tais ideologias, e passam a participar do movimento da Rede de prossumidores no município.

O Coletivo de Ações Agroecológicas de Rio Pomba é também uma forte parceria firmada desde o início das atividades da Rede Mãos à Horta. Através deste, se organizam e realizam mutirões agroecológicos semanais, aos domingos, em propriedades rurais de produtores ligados à Rede, e em espaços de experimentações agroecológicas locais, como o projeto de SAFs, em área pertencente ao IfsudesteMG. Promove-se também, durante as vivências, a educação em Agroecologia, através da troca



de experiências e do intercâmbio de conhecimentos diversos, visto que os mutirões agregam produtores, consumidores e parceiros em atividades conjuntas, onde surgem temas espontâneos com reflexões e opiniões variadas de acordo com o universo cultural de cada um. Ao final de cada mutirão é realizado um almoço coletivo com produtos trazidos pelos participantes para a partilha, dando continuidade à vivência de diálogos interculturais.

Como mais uma ferramenta essencial para a educação em Agroecologia, na construção de conhecimento e na formação de parcerias, o Fórum Regional de Agroecologia se insere como um momento de grande injeção de ânimo agroecológico nas veias dos participantes. É um evento organizado e coordenado por estudantes do curso de bacharelado em Agroecologia, de forma participativa, e com o auxílio de professores, do IFsudesteMG – Campus Rio Pomba, que acontece anualmente desde 2008, contando com um grande leque de possibilidades de atividades como Grupos de Discussão, Minicursos, Palestras, Relatos de Experiências, Trocas de Sementes, Feiras Solidárias, Oficinas e vivências Culturais; sempre reservando um dos dias do evento para que seja especialmente voltado para o produtor rural, com atividades práticas e de linguagem acessível e incluyente a todos. A participação dos agricultores da Rede nos Fóruns vai desde o fornecimento de produtos alimentícios, preferencialmente de origem agroecológica, para os lanches dos intervalos; assim como a participação em oficinas e minicursos, e até mesmo como palestrantes em seus Relatos de Experiências, ministrando Oficinas, ou conduzindo Grupos de Discussão.

A interação e o contato mais direto entre produtores e consumidores, fomentado pela participação destes e de demais parceiros em atividades coletivas, como os mutirões organizados pelo Coletivo de Ações Agroecológicas, os Fóruns Regionais de Agroecologia, em encontros de temáticos e reuniões de auto organização da Rede, seguidos por mesa de partilha (de alimentos e vivências), contribuem de forma integral para a valorização e enriquecimento da cultura do meio rural, do saber caipira, tanto menosprezado pela modernização e inversão de valores. Durante estas interações o agricultor passa a perceber que todo aquele arsenal de conhecimentos de seus ancestrais, experiências e práticas acumuladas por gerações, e que foram cruelmente deslegitimados, aniquilados e descartados pela suposta “salvação do mundo”, a Revolução Verde, são novamente convocados a campo,



resgatados para atuar também no resgate à harmoniosa consonância entre o ser humano e os fluxos da natureza. Estes conhecimentos, agora, são ainda mais valiosos para nós, sendo reconhecidos e requisitados como a verdadeira salvação para o atual desastre que se tornou a agricultura moderna.

4. Considerações finais

Transcorrido este período em que vem se desenvolvendo o projeto, as realizações alcançadas têm sido de extrema relevância para os processos de ensino-aprendizagem construídos entre os atores sociais envolvidos, em confluência com as dinâmicas da transição agroecológica. A partir da iniciativa deste projeto, com a inserção e apropriação por parte dos envolvidos, diversas transformações aconteceram nos territórios de convivência e atuação, como o estreitamento no contato entre os diversos segmentos integrantes do processo (meio acadêmico, meio urbano, meio rural; produtores, consumidores, prossumidores...). Assim, é imprescindível que as redes se fortaleçam de forma a empoderar seus atores sociais, com agilidade e flexibilidade diante dos desafios vigentes e atuais relacionados às políticas alcançadas para a agricultura familiar.

Referências

- AB'SABER, A.N. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. *Geomorfologia*. São Paulo: Ateliê Editorial. 1970. v. 20, 26p.
- ALTIERI, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3ª ed. rev. ampl. – São Paulo, Rio de Janeiro. Expressão Popular. ASPTA. p. 105 – 143. 2012.
- COSTABEBER, J.A. *Transição agroecológica e ação social coletiva*. UFSM, Santa Maria, RS. 1998.
- EHLERS, E. *Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma*. p. 115. 2 ed. Guaíba: Agropecuária. 1999.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Editora Paz e Terra. 1996.



SCHMITT, C.L.; TYGEL, D. Agroecologia e Economia Solidária: trajetórias, confluências e desafios. Em: Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Petersen, P. (org.). Rio de Janeiro. AS-PTA. 2009.

SEVILLA GUSMÁN, E; MOLINA, M.G. Sobre a evolução do conceito de campesinato. 2 ed. São Paulo. Editora Expressão Popular. 2013.

SINGER, P. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/emancipa/research/pt/ft/difusao.html>>. Acessado em 01 de set. 2016.